

Textos de
Vitorino Nemésio

O PAÇO DO MILHAFRE

À beira de água fiz erguer meu Paço
De Rei-Saudade das distantes milhas:
Meus olhos, minha boca eram as ilhas;
Pranto e cantiga andavam no sargaço.

Atlântido, encontrei no meu regaço
Algas, corais, estranhas maravilhas!
Fiz das gaivotas minhas próprias filhas,
Tive pulmões nas fibras do mormaço.

Enchi infusas nas salgadas ondas
E oleiro fui que as lágrimas redondas
Por fora fiz de vidro e, dentro, de água.

Os vagalhões da noite me salvavam
E, com partes iguais de sal e mágoa,
Minhas altas janelas se lavavam.

CORRESPONDÊNCIA AO MAR

Quando penso no mar
A linha do horizonte é um fio de asas
E o corpo das águas é luar;

De puro esforço, as velas são memória
E o porto e as casas
Uma ruga de areia transitória.

Sinto a terra na força dos meus pulsos:
O mais é mar, que o remo indica,
E o bombeado do céu cheio de astros avulsos.

Eu, ali, uma coisa imaginada
Que o Eterno pica,
Vou na onda, de tempo carregada,

E desenrolo...
Sou movimento e terra delineada,
Impulso e sal de pólo a pólo.

Quando penso no mar, o mar regressa
A certa forma que só teve em mim —
Que onde ele acaba, o coração começa.

Começa pelo aro das estrelas
A compasso retido em mente pura
E avivado nos vidros das janelas.

Começa pelo peito das baías
Ao rosar-se e crescer na madrugada
Que lhe passa ao de leve as orlas frias.

E, de assim começar, é abstracto e imenso:
Frio como a evidência ponderada,
Quente como uma lágrima num lenço.

Coração começado pelos peixes,
És o golfo de todo o esquecimento
Na mínima lembrança que me deixes,

E a Rosa dos Ventos baralhada:
Meu coração, lágrima inchada,
Mais de metade pensamento.

CABEÇA-DE-BOGA

Quando o Abílio foi para o Brasil (conta Mateus Queimado), a mãe dele fez-lhe medas e medas de camisas e de ceroulas. Lembro-me disso muito bem. Eramos uns poucos: O Abílio, eu, o Fausto, o Hemetério, o Francisco da Segunda, o Tiazé. Mas estes dois não iam jantar nem passar tardes connosco, de bibes embrulhados ou pela mão dum criado, como o Chinchinho. Cheiravam a peixe e, quando o ranho era muito, limpavam-no à manga do casaco e engoliam o resto, fungando.

O Francisco da Segunda era miúdo e vivo como azougue; o Abílio pacato e pesado. O Hemetério tinha um corpo de galgo e pegava-se um pouco na voz; o Fausto estava acima de todos na escola e era pitosga.

Quem o queria bravo era meter-lhe um calhau na algibeira ou puxar-lhe disfarçadamente pelas abas da jaca, quando estava a estudar. As duas coisas ao mesmo tempo, comandadas pelo Francisco da Segunda (que para isso piscava o olho), punham-no fora de si. Tornava-se muito vermelho, baixava a cabeça e investia. Então fugíamos todos; e enquanto o Segunda, leve como um macaco, o ia capeando, ouvia-se em coro o apupo selvagem:

O Abílio evitava tomar parte nestas montarias, bonacho e gordo.

Só pensava nas marcas do jogo e num irmãozinho de cinco anos que tinha em casa e nascera fora de tempo: o Pirrilha. Sendo preciso,

• Abílio corria cem metros dum fôlego e nem o Segunda lhe pegava:

Apertava muito os beiços, e, de rabona a dar, a dar, estalava a patada na meta que até se acabava o mundo! Mas, se corria muito, ficava a suar. Sentava-se nos degraus da escola e precisava de minutos para se lhe não ouvir o fôlego. Depois, limpava as bagadas do suor e ficava para ali um fraquezas, que o próprio Tiazé lhe chegava o cuspo ao nariz sem perigo de chapada no focinho.

Tínhamos inventado havia pouco essa maneira suprema de levantar a luva. A mínima pega de palavras — uma aposta, um pião contestado — o mais forte ou afoito fazia peito:

apertava mudo os begos, e, de rabona a dar, a dar, estalava a meta que até se acabava o mundo! Mas, se corria mu a suar. Sentava-se nos degraus da escola e precisava de mir se lhe não ouvir o fôlego. Depois, limpava as bagadas do suc para ali um fraquezas, que o próprio Tiazé lhe chegava o cusp sem perigo de chapada no focinho.

Tínhamos inventado havia pouco essa maneira suprema tar a luva. À mínima pega de palavras — uma aposta, um pi:

tado—o mais forte ou afoito fazia peito:

—É mintira? É mintira?! Toca-me no nariz!

O outro cuspi na cabeça do dedo, e, se tocava, sentia-se can a bofetada, até que o primeiro soco estreme pusesse umas veni knock out.

Mas o Abílio não gostava de choques, um pouco sombrio e bo:

Os desafios eram principalmente para os que tinham pai pescador, acc tumados ao falatório nas vendas até que horas! às pragas do puxar da rede, às juras terríveis das mães tratando-se de curtas e compridas nos lavadouros públicos, até que uma esguedelhava a outra ou lhe virava o traseiro sugerindo à força de palmadas não me lembro que prova de limpeza. Os maridos vinham fazer as pazes ou iam liquidar o caso abaixo da muralha, de navalhão nas unhas.

Nós, «os da terra», brincávamos a outras coisas. Os nossos pais tinham escritórios ou lojas; as nossas mães tinham salas com consoles, avencas e begónias. Era outra loiça...

Minha Mãe, por exemplo, gostava muito da Sr.a D.a Claudina.

Era a mãe do Abílio. Dizia sempre:

—Eu vou poucas vezes a casa da Sr. D.a Rosinha, mas somos amigas, que isso é que é! O meu Abílio e o Matesinho, então, são como a unha e a carne...

Minha Mae, essa caçoava, ao ver-nos:

— Lá vem o cego e a sanfona...

Se fôssemos a tomar o dito a sério, o cego seria o Abílio, salvo seja. Tudo o que eu quisesse. Para a areia, cortar canas? Para a areia, cortar canas. Faz-se uma gaita! Ele preferia uma espingarda e um terçado — com que ficava pândego, grande negalho de barbante a medir-lhe a barriga. Mas eu dizia: «Faz-se uma gaita?»— e eram logo duas gaitas o que realmente se fazia, ficando para mim a que tinha a película melhor. E - «nhom... nhom... nhom...» - dávamos razão a minha mãe

Estávamos a ficar espigados. Ao meio-dia, o Sr. Professor tocava a campainha, íamos quietos e direitos até ao corrimão; depois, quem tinha mais perna chegava primeiro à rua. Da varanda da casa da escola via-se rolar o mar. De inverno era quase sempre verde e grosso, como que cuspidos. A praia - mais curta. Grandes rejeitadas de espuma salvavam o barracão das redes. E, se pegava o vento e a chuva, era quase sempre uma chuvinha à toa, uma morrinha virada a Nordeste, de gaivotas chiando à venda do Pexinho. No saguão da escola jogava-se ao pulga-piolho e fedia a eflúvio humano...

Mas, passados os nevoeiros, o céu das ilhas rasgava-se, o Sr. Professor vinha à janela fumar e disfarçava. Ao longe, já havia pretextos para o Sr. Professor fazer o caso disfarçado: Toninhas à tona de água, e as velas da

companha do Velhinho, que no outro Inverno morreu no mar. íamos então tomar uma banhada, deixando a roupa e o calçado escondidos nas caneiras.

Um dia, eu e o Abílio achámos engraçado que aquilo que Deus nos deu ficasse arrepiado ao vir do banho. A nossa pele, amarelada da calma, escorria. Mais de uma hora no mar (faltámos à escola da tarde) fazia-nos bater o queixo. Enxugámo-nos rolando na areia. Depois, ainda nus, sentados, o Abílio atirou-me um punhado de areia ao umbigo.

— Está quieto!

O Abílio atirou-me um cuspo um pouco abaixo do umbigo.

— Está quieto!

Zás!: Um bocado de cortiça de rede exactamente ao mesmo sítio.

Estávamos secos, ambos de pele retesada; sentia-se ao longe o tape-tape da fábrica de moagem e a burra do Trajela zurrando. A maré ia navazante, e por isso se ouvia aquele seu gorgolhar longínquo e entorpe-cido. Então, com gravetos, tomámos medidas mútuas e falámos cá das nossas coisas. Apesar daquela solidão, mal nos ouvíamos. Os nossos interesses acordados pela nudez eram dum mundo ainda mais sério e isolado, para lá daquela redondeza de areia lisa e quente.

Eu disse que a nossa criada, a Malagrida, se punha a bufar nas brasas ao dar trindades da noite. Minha mãe — fora.

— E tu?

— Eu, por trás...

Cada um de nós abria a sua covinha na areia com os gravetos das medidas. Olhámos de través um para o outro. Vi o branco do olho do Abílio molhado numa goma lustrosa:

— Pois eu...

— Conta!

— Eu não tenho nada para contar. Eu, cá, namoro a Lucinda.

Nunca o vira assim sério; tinha a mão dentro da cova, a arredondar o fundo. Como eu ficasse calado, tirou areia e disse: - Hei-de ir para o Brasil ganhar o dinheiro da passagem para ela ir lá ter.

— E é bom?... — perguntei eu, ainda aferrado à lembrança da saia da Malagrida curvada e bufando as brasas.

O Abílio franziu a testa e disse, encarando-me com espanto:

— Bom o quê?! — Pausa. Eu, para Deus me levar! Talvez contente com a gravidade estúpida que se devia ler na minha cara, condescendeu então: — A gente, cá, é só quando casar... Queres ser meu compadre?

II

No exame do segundo grau fiquei distinto; o Abílio ficou suficiente. Uma tristeza! Compareceu de calça comprida, colete branco, a châtelaine de D.^a Claudina fazendo de corrente de relógio. Como roía nas unhas, o relógio era um descanso para encher o minuto de ignorância, atrapalhado com aquilo de - «Qual foi o rei que mandou plantar o pinhal de Leiria?».

O Sr. Fontes, o professor das Cinco, que era membro do júri, bem cochichava de lá: -D. Dinis... D. Dinis!...» O Abílio, porém, doido por toiros, saíra-se com «D. Afonso IV, o Bravo» - e teve a raposa por um triz.

Cá fora, esperavam-nos meu Pai e o dele ao lado do Sr. Professor.

O mestre não me disse nem palavra; mas a ele não o largou:

- Este cabeça de boga, que me vai estragar os resultados!

O pai do Abílio estava com vergonha do filho, com raiva ao filho, com raiva ao Sr. Professor, com pena de si, do Sr. Professor e do filho:

- Pedaco de mariola! (Olha como tens esse colarinho!). E fazer-me gastar um dinheirão, para ver isto!

- Este cabeça de boga, pôr-me uma nódoa na pauta! - teimava o Sr. Professor.

O pai do Abílio agachara-se um pouco para lhe limpar as lágrimas, mas carregava no lenço e obrigava-o a assoar-se sem precisão nenhuma:

- Força!... O toleirão, que era o primeiro em decimais! (Ó pequeno, não chores, que o Sr. Professor manda na escola, e em ti quem manda sou eu!)

Mas o Abílio chorava mordido e com os olhos raiados de sangue. Quando proclamaram os resultados, o Sr. Professor abrandou.

- Abílio Cardoso de Aguiar, suficiente. Mateus Queimado Gomes de Meneses, óptimo.

Meu Pai deu um beijo no Abílio antes de me beijar a mim. O pai do Abílio apertou solenemente a mão a meu Pai:

- Ah, Sr. Meneses! Que consolação, um filho assim!

Estávamos todos mais ou menos vexados; só o Abílio deixou de chorar. Não se sabia bem se por escapar à raposa, se por qualquer outra coisa. Num ímpeto de todo o seu ser atirou-me os braços e disse-me:

- Ó Mateus, ainda bem!

E foi nos olhos dele que eu me senti distinto...

III

Desde aquele dia nunca mais se fez em casa do Aguiar senão roupa de dentro para o Abílio, com tanta freima e ajuntamento de amigas e de vizinhas de D. Claudina, a mãe dele, que (estúpida lembrança!) só me parecia a lida do picar da cebola (até pelas lágrimas da mãe!) na véspera duma matança de porco...

Eu andava no explicador para o primeiro ano do Liceu; o Abílio entrara para o armazém do pai, a medir petróleo e vinho. Mas era por pouco: lá para o Brasil ter com um tio. À tarde, se eu entrava na loja, o Sr. Aguiar lá se comovia e dava alta ao filho:

- Vá lá passear com o Matesinho! Já que não teve cabeça para estudos, talvez tenha lombo para carregar café... -E, mudando de tom: — Deixa estar, que teu tio não tas poupa...

Mas o Abílio — tão sentido por tudo, tão amigo do pai! — tornara-se duro, indiferente, como que cínico. Andava muito mais pálido, com os beiços mais brancos; mas as cordoveias do pescoço estavam cada vez mais rijas e, ao longo das ruas da vila, na passeata, suspirava e ficava a olhar para mim com os olhos em que eu lera a minha verdadeira distinção.

A mim parecia-me, porém, que uma coisa qualquer estava a tornar agora o nosso Abílio distinto, a mim suficiente — e viva o velho!

que era, nem se era: Sabia que o tio do Brasil era o tio dele, se chamava Barrão e tinha um açougue no Rio. O Abílio mostrou-me a carta de chamada, o retrato do tio de bigode frizado e ovo estrelado no colete, e a carteira que a mãe lhe tinha dado para ele meter o passaporte e a estampa do Sagrado Coração. Apertava-se com um elástico; era castanha e rangia. O Abílio pediu-me uma

Prova Escrita: Recordação do teu dedicado amigo Mateus Queimado Gomes de Meneses.

E foi então, quando ele ia a meter a minha lembrança na carteira, que eu vi um retrato da rapariga e — Alto! O Coração de Jesus está comigo! — Era a sua Lucinda.

IV

Nesse ano crescemos por muitos em que só tínhamos brincado e pegado à taponar. Minha Mãe raras vezes ia visitar D. Claudina; mas, sempre que ia, levava-me, e tínhamos que ver as ceroulas que se estavam fazendo para o Abílio. Parecia, em suma, uma noiva nas vésperas do nó.

Enfim: fomos lá a casa outra vez, que já estava a mala de porão envernizada no corredor. Lembro-me bem que era amarelada, às riscas cor de pulga, e tinha-a visto na véspera às costas do Augusto Escanchado, que costumava carregar os caixões de defuntos assim. D.a Claudina estava lavada em lágrimas, empacando ceroulas. Cheirava a engomado e aos limões contra o enjoo.

Foi quando D.a Claudina os deu a sopesar a minha Mãe que se ouviram os pés do Sr. Aguiar no capacho. Deu a boa noite. O candeeiro de petróleo luzia tristemente ao fundo do quarto de jantar.

— Trouxeste a corda? — perguntou D.^a Claudina. O Sr. Aguiar ostentou silenciosamente um rolo. - Não será pequena?

— Para reforçar a mala, chega. Basta uma laçada em cruz.

Agora começava o trabalho de meter o enxoval do emigrante naquela tumba. O Sr. Aguiar empunhava o candeeiro; minha Mãe ia dando camadas de roupa, que D.a Claudina calcava.

— Aí tem a Sr.a D.a Rosinha o resultado que dá não ter cabeça...

— Aguiar! Nem sequer hoje te calas?! Lembra-te que amanhã, por estas horas, aquele anjo de Deus já vai por esses mares abaixo!

—Ele bem sabe que tenho feito o que é da obrigação dum pai. Mas lá dizer que é uma águia, quando não passa dum cabeça de boga, como o confiado do Professor se atreveu a dizer na minha cara... Ele o rapaz onde está?

Pareceu-lhe que estaríamos os dois para o quintal. Mas o Abílio, no quarto onde dormia ao lado do irmãozinho (e ouvia-se tudo pela porta), contava um resto de botões do jogo das marcas para mos dar a mim. Uma vez, que, por diferença de uma unha de làjão a làjão,

perdera com o Tiazé ao fim duma tarde de azar chegara a arrancar os botões da braguilha, só para honrar a sua palavra! Que surra!...

Enfim, pegou na navalhinha velha (a mãe dera-lhe uma, nova em folha, para a viagem) e insistiu que a aceitasse. Eu não queria.

—Toma! É a última coisa que te dou.

— Pode servir ao teu irmão...

— O Pirrilha ainda é pechinchinho para brincar com navalhas. Olha a mãozinha dele... - Pirrilha dormia de boquinha aberta, punho fechado. Os olhos do Abílio, aqueles seus olhos puros e de repente responsáveis, marejaram-se de lágrimas: — Ouviste o que disse o meu Pai?... Pega... É a última coisa que te dá o “cabeça de boga”...

Escondeu por um instante a linha das sobancelhas no pulso, considerou a testinha do Pirrilha e levou-me para os lados da cozinha.

Estava todo descorado, com um bocado de sorriso pegado a um canto da boca. Mas, no quintal, vi que os beijos lhe tremiam e que a sua cara de treze anos se tinha forrado de amargo.

Fazia um luar como dia, um luar mexido e sonoro da massa do mar. O quintal era grande, com couves tronchas e, ao fundo, um cedro das Bermudas. Conversámos para ali...: O Francisco da Segunda caía no banho de pranchada: Comecei a teimar que o Tiazé ia mais longe a nado; e o Abílio: que o Estoiro é que era o campeão de braçada e o que aguentava mais tempo debaixo de água e vinha à tona sem se cuspir.

De saudade em saudade falámos de tudo: da escola e das caneiras. Abílio teve vontade de aliviar («ir acima dos pés» - dizia-se lá na ilha). Para não perdermos conversa, arriou ali mesmo, numa cova ao pé do cedro.

— E sempre queres que eu seja teu compadre, Abílio?

Ele limpou-se a uma mancheia de folhas de erva-limão e disse-me com um ar mais murcho do que triste:

— A Lucinda deixou-me quando tive o suficiente...

PARA QUE ME DEIXEM

Deixem-me só no mar, não aluguem o bote:
Medi o salto e o mundo antes de me atirar.
Assim, não há ninguém que me derrote:
Afogado ou flutuante, hei-de chegar!

Pelo amor de Deus, não me deem a mão!
Já pus sal na garganta para a morte:
Quem se sabe salgar não erra o Norte,
Tem consigo o destino e a duração.

Calem lá a sereia dos nevoeiros,
Que eu palpo a noite, sinto vagas dentro
E movo-me nos ventos verdadeiros
E conheço as funduras, se lá entro.

Apaguem os faróis p'la costa fora,
Cortem todos os cabos, à cautela —
Que eu não sou nada: aceito a minha hora,
Encho-a como o navio a sua vela.

E vou, lavado em mar e enxuto em ossos,
Buscar a minha estrela aos céus de Oeste:
De tanta água, levo os olhos grossos;
A tristeza de ser a alma me veste.

Nunca fui senão mar numa coisa peluda,
Mar numas veias cheias da ânsia
De o derramar na superfície muda
Que está à minha espera desde a infância.

Sou isso só, isso deveras —
Como as aves, que têm no voo a própria lei,
E como a pedra é pedra e as feras feras;
Elas não sabem, mas eu sei.

Ah! (ia-me esquecendo) sou também
O mandado do mar a dizer isto:
Que fui um rio até a minha Mãe
E, dela para cá, sou um pobre de Cristo,

Um homem, forte apenas no mandato,
Só grande porque o mar me penetrou:
No mais, mísero e nu; o único fato
É a pele que o pecado me emprestou.

Dito o que — deixem-me só nas águas
Como o rasto da lua ou a alga fria,
E empreguem melhor as suas mágoas:
Esse destino me enche de alegria.

Não ocupem comigo os pescadores
Nem mergulhem a sonda à latitude
Em que é uso de bordo atirar flores
Ao capitão, morto em refrega rude.

Há tanta gente aí para salvar!
Tirem-me essa ridícula cortiça:
As espumas me aquecem, se eu gelar;
De terra, nem saudade nem cobiça.

Ah! mas ao menos espalho-me!
Ao menos sou autêntico e salino!
Se tenho frio, há musgos: agasalho-me;
Sou um bocado podre e outro divino.

Pica-me a Rosa dos Ventos
Que vem direita a mim como um ouriço.
Só estes fundos verdes, lentos!
Estas madeixas! este moliço!

E esta impressão, dura e insistente,
De que sou o feno entalado
De um velho lugre desarvorado,
Cheio de craca e bicho ardente!

Oh! vida, desaparece
No verde e doce mar mexido!
Já, devagar, pára e arrefece
Meu coração, coral caído.

ELOGIO DA MORTE (III) – Antero de Quental

Eu não sei quem tu és —mas não procuro
(Tal é a minha confiança) devassá-lo.
Basta sentir-te ao pé de mim, no escuro,
Entre as formas da noite com quem falo.

Através de silêncio frio e obscuro
Teus passos vou seguindo, e, sem abalo,
No cairel dos abismos do Futuro
Me inclino à tua voz, para sondá-lo.

Por ti me engolfo no noturno mundo
Das visões da região inominada.
A ver se fixo o teu olhar profundo...

Fixá-lo, compreendê-lo, basta uma hora,
Funérea Beatriz de mão gelada...
Mas única Beatriz consoladora!

Soneto já antigo – Álvaro de Campos

Olha, Daisy, quando eu morrer tu hás-de
Dizer aos meus amigos ai de Londres,
Que embora não o sintas, tu escondes
A grande dor da minha morte. Irás de

Londres p'ra York, onde nasceste (dizes —
Que eu nada que tu digas acredito...)
Contar àquele pobre rapazito
Que me deu tantas horas tão felizes

(Embora não o saibas) que morri.
Mesmo ele, a quem eu tanto julguei amar,
Nada se importará. Depois vai dar

A notícia a essa estranha Cecily
Que acreditava que eu seria grande...
Raios partam a vida e quem lá ande!...

ESCHERICHIA COLI

I

Mandei fazer o electrocardiograma
À minha “Beatriz de mão gelada”:
Mas fui eu, fui eu só que fui à cama,
Eu, claro! não Beatriz, nem Dante, eu nada!

“Mas única Beatriz consoladora”
Então não era a Morte reservada
A quem tem coração pela vida fora
E por ele sobe em hélice aminada?

Em gráfico de sismo a sina veio
Nessa foto cardíaca: – “Receio
Que morra, Daisy!” Não: “Que morra, Dolly!”

Pois eu não sou o Fernando Pessoa
Ou Antero, nem em inglês seu nome soa,
Que minha Musa é Escherichia Coli.

II

Escherichia ou Beatriz, que importa o nome
Se ambos me soam igualmente belos?
A prometida morte nos consome
Como flor prometida nos carpelos.

Assim tu, Escherichia, és meu tormento
E nocturno tremor, Beatriz funérea!
Quem nasceu para casto fingimento
Afinal pode amar uma bactéria.

III

Pego em Escherichia ao colo,
Musa micrónica, etérea,
Mas não já de éter sulfúrico
Senão feminil bactéria.
Por ela todo estremeço
Em suor e ácido úrico!

PAI

Retrato de meu Pai, moço no sonho
Que o nimbo de tais anos esvaece,
Não se pode dizer que está risonho
Nem tão pouco com o triste se parece.

Companheiro de mesa de escrever,
Não me olha, para não me distrair;
Mas, se assobio, como o ouvi fazer,
São bem meus versos que ele vem logo ouvir.

Pai, como és sério com a rosa ao peito,
Toda branca e rodeada de folhinhas!
E o bigode cofiado, ainda no jeito
Do primeiro namoro que tu tinhas...

O gesto claro, ermo na barba escura
Que eu conheci de mel nos anos breves,
E esses olhos de amêndoa, e a testa pura,
Fonte de tudo o que eu escrevendo escreves!

Aquele *Numquid et tu* que me ensinaste,
Antes de Gide o pude pronunciar:
Flor do que faço, és dela o aroma e a haste;
Mestre, como te posso renegar?

Ficas no iodo do retrato antigo
Com a gravata branca de poeta,
Que, perto ou longe, sempre é estares comigo,
Como o aço e o tremor estão na seta.

E vamos ambos desferindo a vida
Comum no canto mútuo em ti calado:
Tu, no meu verso, tua flauta ouvida;
Eu, buscando-te a voz no búzio herdado.

Retrato de meu Pai no seu casulo,
Como no dela a leve borboleta,
É olhando-te que sonho e que me azulo
Contigo, minha estrela de poeta!

Um zumbido de bosque nos enleia
Onde só o mel da morte recolhemos:
Tu, já lá nela; eu cá; e ambos na ideia
De que a vida, se é flor, breve a esquecemos.

E assim atentos, no retrato e em vê-lo,
Como abelhas na tarde que se esvai,
O tempo eterno que já tens, merecê-lo
É o meu favo de obreiro, no Outro Pai!

<https://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/issueContentDisplay?n=102&p=28&o=r>

ARTE POÉTICA

A poesia do abstracto...
Talvez.
Mas um pouco de calor,
A exaltação de cada momento.
É melhor.
Quando sopra o vento
Há um corpo na lufada;
Quando o fogo alteou
A primeira fogueira,
Apagando-se fica alguma coisa queimada.
É melhor!
Uma ideia,
Só como sangue de problema;
No mais, não,
Não me interessa.
Uma ideia
Vale como promessa,
E prometer é arquear
A grande flecha.
O flanco das coisas só sangrando me comove,
E uma pergunta é dolorida
Quando abre brecha.
Abstracto!
O abstracto é sempre redução,
Secura.
Perde,
E diante de mim o mar que se levanta é verde:
Molha e amplia.
Por isso, não:
Nem o abstracto nem o concreto
são propriamente poesia.
Poesia é outra coisa.
Poesia e abstracto, não.